



STEPHANIE BRITE – SONHO OU REALIDADE

Será que não conseguiremos mais contato com o Comando na Terra? Será realidade e que estamos viajando pelo vasto espaço tempo da História do Universo? Como isso é possível? Ou tudo isto não passa de uma ilusão? De apenas um sonho? O que é realidade, o que é fantasia? Já não sei mais. Como pode simplesmente estarmos em lugares e épocas tão diferentes e tão rápido? Se for realidade como vamos retornar, porque viemos parar tão distante e não temos contato? Não conseguimos qualquer forma de contato com nossos superiores. Nossa espaçonave tem se apresentado muito bem e não tivemos problemas sérios. Por que somente eu de humana estou acordada, todos os demais permanecem num sono tranquilo? Se for ilusão como tudo pode parecer tão real? Vamos retornar ao nosso lar ou simplesmente vamos acordar de um sonho. Não sei dizer. Não sei dizer.

Onde estamos neste momento e que momento é agora? Viajando pelas maravilhas do universo, podemos ver de tudo, cometas com aquelas caudas longas e frias varrendo o espaço e seguindo velozmente seu caminho, asteroides vagando tranquilos em suas rotas, pequenos planetas em busca de seus lugares...

Ágora encontrou alguma coisa e começou a informar que nos aproximávamos de um planeta nas próximas horas, mas não havia qualquer informação sobre o mesmo. O banco de dados da espaçonave e também ele e Phélix não sabiam o que poderíamos encontrar neste mundo.

Quadrante 7535

Planeta desconhecido

Superfície: congelada

Vida: desconhecida

Tamanho: quatro vezes o tamanho da Terra

Os dois andróides que acompanham esta missão, continuaram em busca de maiores informações sobre o planeta que despontava em nossa frente, mas apenas informações vagas e nada confiáveis. Estávamos viajando em sua direção como sendo puxados por um raio trator. Por enquanto a única coisa que conseguimos saber que se referia a um planeta ainda não catalogado pelo Comando terrestre, mas e daí, como saberíamos em que época estávamos? Não havia qualquer registro e a espaçonave não nos informava isto. Ágora e Phélix também não me deram estas informações. O que nos restava era chegar á superfície deste planeta, que por sinal era muito bonito, e descobrir o que fosse possível.



Sei que não deveria mais pensar nisto, mas as lembranças tomam minha mente de assalto. Tento a cada dia superá-las, mas as lembranças estão vivas e não se apagam. Por que ainda existe o mal em nossa sociedade, entranhado onde quer que estejamos. O mal que consome cada pessoa individualmente e molda nossos corações. Com toda nossa tecnologia e a unificação dos mundos não conseguimos exterminar o mal em nossas mentes e corações. Talvez eu esteja me martirizando, mas se nossa sociedade tivesse se preocupado um pouco mais com os sentimentos de todo ser humano talvez tivéssemos um mundo melhor para compartilharmos e Gatilov ainda estaria em nosso meio, me acompanhando, estando ao meu lado, e as vidas dos trabalhadores não ficariam marcadas pelas atitudes irresponsáveis de cidadãos marginalizados. A dor ainda aperta meu coração, mas também sei que meu grande amor jamais retornará. Mas temos tecnologia suficiente para dar-lhe a vida novamente, então porque preciso viver sem ele. Tenho que viver com esta dor em meu peito. Por que nós humanos temos que viver assim, em determinadas horas gostaria de ser como Phélix e Ágora, seres que não sofrem estes tormentos”.

Nossa espaçonave se aproximava daquele planeta e então

Acordei com a luz de um sol imenso em meu rosto, devagarzinho fui apalpando o chão onde me encontrava. Senti que o chão era coberto por uma delicada espécie de capim o que meus olhos puderam comprovar, um toque diferente, um sentimento diferente do que estava acostumada na Terra. Aquele local transmitia uma tranquilidade que nunca pude sentir em qualquer outro lugar até então. Quando me levantei olhei por todos os lados e até onde minha vista alcançava, tudo era tão bonito, cheio de vida e luz, tudo tão calmo. Será que eu estava morta? Como? E minha tripulação?

Praticamente sem decidir, meu coração me impulsionou a caminhar na direção leste (ou pelo menos eu acreditava que era na direção leste, já que não tinha nada para comprovar isto), sempre em frente para o limiar de minha visão. Longe, muito



longe pude perceber pequenos pontos que se elevavam da vegetação, mas ainda não conseguia definir o que eram.

Quando caminhava não me preocupava se iria retornar à Terra ou não, não lembrava de meus amigos, minha tripulação ou qualquer outra pessoa. Percebia apenas aquela tranquilidade que já comentei.

Foi então que percebi que não trajava meu uniforme e apenas roupas como das antigas mulheres gregas terrestres, um tecido macio na cor bege. O que isto significava? Como não percebi antes que não estava com minhas roupas? Tudo tão estranho.

Os pontos distantes já se apresentavam aos meus olhos como pequenas colinas, tão bonitas e cheias de neve, de uma brancura que nunca tinha visto.

Oh! Oh! Oh!

Pés descalços nesta relva brilhante

Flores transbordando pelos campos

Sempre perfumadas, sempre flores.

Foi então que percebi também estar descalça caminhando por aquela trilha imaginária e pude ver que havia realmente flores e mais flores por todos os lados, por onde podia ver.

Campos cheios de amor

Beleza e gratidão

Estrelas que guiam

Uma estrela no céu

Tão longe que a mão não alcança

Uma canção apenas

Oh! Oh! Oh!



Uma canção para a alma

Uma canção para a alma

Todos felizes na Criação

Do Céu à Terra

Da alma à matéria

Caminho pelas estrelas

Caminho de luz para eternidade

Caminho sagrado

Caminho da Criação

A alma sorri

A matéria segue

A alma conduz pela estrada do amor

Uma luz para guiar a alma

Esta canção ouvia no fundo de minha alma e em nada mais eu pensava, apenas em acompanhar minhas pernas que me levavam sempre a frente, em direção leste.

Finalmente cheguei aos pés daquelas montanhas incríveis. Não sei por quanto tempo caminhei, não havia qualquer meio de saber as horas, nem mesmo o Sol mudara de posição, que estranho.

Um lago imenso, profundamente azul se apresentou em minha frente, tão grande que eu não conseguia ver a outra margem, encoberta por uma névoa delicada.

Multidão de estrelas, cometas

Multidão de astros, planetas



Um caminho que une mundos

Caminho entre o Céu e a Terra

Caminho entre a alma e a matéria

Um lago de águas tranquilas, quase sonolentas, ao seu redor muita areia e pedra dividiam os espaços até chegarem aos pés da relva e da montanha que o cercava. Num pequeno píer vi um menino que ao primeiro momento passara despercebido, não tinha mais que um metro e vinte e deveria ter na faixa de uns sete anos, de cabelos louros e olhos azuis, uma pele macia (pelo menos o que percebi). Aproximei-me dele com cuidado, mas apenas por precaução, pois ele não apresentava qualquer perigo, mas como poderia estar ali, sozinho, sem ninguém por perto, apenas ele naquela imensidão maravilhosa? Quando me percebeu fez sinal para que eu sentasse junto dele e me deu algumas pedras para jogar no lago, como ele estava fazendo. Dez pedras dos mais variados tamanhos foi o que ele me deu. Sorriu para mim e joguei mais uma pedra a qual ricocheteou algumas vezes e se perdeu nas profundezas do lago. “Iskity” ele me disse se referindo ao nome daquele lago, disse que tinha se formado há muitos milhões de anos e ainda mantinha a beleza da juventude. Jogue! Ele me disse com paciência. Fiz o que mandou, mas as cinco pedras que joguei não passaram do primeiro ricochete e se foram. Ele sorriu em todas as minhas tentativas. Olhei para ele e perguntei porque estávamos ali. – Você pediu isto Stephanie. Mas como ele sabia meu nome? Como uma criança tão nova que nunca havia me visto sabia meu nome e sabia que eu estaria ali? – Estava a sua espera. - - Loucura tudo isto, como vim parar aqui, porque estou com estas roupas – perguntei meio sem jeito – e por que estamos neste lugar tão distante de tudo? – Você faz muitas perguntas Stephanie, acalme-se que tudo tem seu motivo. Tudo a seu tempo. Apenas contemple a paz, aproveite cada momento. Ele me dizia tudo com calma e paciência. – Olhe, continuou ele, os pássaros no céu voando tranquilos, os animais correndo na campina.

Baixou a cabeça por um instante e completou: - Venha! Levantou-se e me puxou pela mão, vamos mais adiante, vamos pescar um belo peixe para comermos. Estou com fome, você não?



Tive que concordar, nem lembrava, mas meu estômago já estava reclamando comigo.

... descemos, o trem de pouso tocou o solo daquele planeta composto apenas de gelo, gelo por todos os lados. Nossos instrumentos não conseguiam nos informar muita coisa, apenas que havia gelo por todos os lados, por onde pudéssemos ver. Tempestade de neve parecia coisa comum, afinal o clima estava terrível e o vento estava acima de 130 km por hora.

Esperamos por dois dias até que o clima melhorou e então podemos ver no horizonte o que pareciam cavaleiros vindos em nossa direção. Em pouco tempo chegaram muito perto de nossa espaçonave e ficaram aguardando. Devia haver uns trinta cavaleiros e pelo visto não trajavam qualquer espécie de roupa ou proteção, seus corpos pareciam serem feitos de gelo também e estavam montados em uma espécie de cavalo que penso ser do mesmo material – gelo – mas possuíam patas maiores que nossos cavalos e um pescoço também mais comprido, seus rabos divididos em duas pontas se estendiam até o chão, mas o que chamava a atenção nesta espécie de cavalo eram os olhos, grandes e vermelhos. Phélix e Ágora não possuíam qualquer registro desta espécie, nem dos cavaleiros e muito menos dos cavalos. Após algum tempo, que não podemos precisar, vimos que os que estavam na fileira da frente conversaram alguma coisa e um cavaleiro desmontou e se dirigiu para perto da espaçonave, acompanhado de perto por seu cavalo. Cautelosamente foi se aproximando e verificando tudo com cuidado, observava aqui, andava mais um pouco e observava novamente, tocava em alguma parte da espaçonave e gritava alguma coisa para os demais que apenas ouviam. Enquanto isto, pudemos captar bastante informação de seus corpos e língua. Eles pareciam serem feitos apenas de gelo, coisa estranha, mas era isto que nos informava nossos equipamentos e sua língua indecifrável, não constava em qualquer registro que nosso banco de dados possuía.

Decidimos que desceríamos e tentaríamos algum contato com aquele povo, que apesar de tudo não aparentava ser perigoso. Precisaríamos fazer isto, afinal como íamos sair dali e que lugar era aquele mundo? Não tínhamos a mínima ideia de como seríamos tratados ou como nos comunicar, mas precisávamos – e pelo bem da ciência – fazer contato com aquele povo. Poderíamos conseguir muitos registros para serem estudados futuramente na Terra quando retornássemos.

Walter Veroneze

16.03.2013